

PROJETO DE FORMAÇÃO BASEADO NAS VIRTUDES

3º BIMESTRE / 2014 - ENSINO FUNDAMENTAL I

A EDUCAÇÃO DA GENEROSIDADE

(Texto tirado do Livro *A Educação das Virtudes Humanas e suas avaliações*,
de David Isaacs, pg.15-19)

A EDUCAÇÃO DA GENEROSIDADE

A generosidade é uma virtude que dificilmente se pode apreciar nos demais com objetividade. No momento de julgar os atos de outras pessoas estaremos, normalmente, centrando a atenção no que recebe ou nas características da contribuição. Por exemplo, se nos inteiramos de que alguma pessoa sem problemas econômicos há presenteado uma quantidade de dinheiro a algum parente seu com necessidades, é lógico que lhe chamemos “generoso”. Entretanto, essa contribuição seguramente não lhe custou nenhum esforço. Desconhecemos o motivo do ato: foi por reconhecer a necessidade de seu parente ou por não sentir-se culpado? Isto é, podemos identificar diferentes meios ou maneiras para poder levar a cabo um ato de generosidade, mas um ato será amostra de generosidade ou não, de acordo com a intensidade com que se vive a virtude e a exatidão dos motivos.

Fazer algo a favor de outras pessoas pode significar muitas coisas diferentes: por exemplo, dar coisas, dar tempo, prestar posições, perdoar, escutar (dar atenção), saudar, receber, etc., e todos estes atos supõem uma decisão em algum momento dado. A vontade, sabemos, tende por natureza, fazer o bem. Entretanto a generosidade supõe utilizar a vontade para aproximar-se ao bem. Trata-se de uma entrega, uma decisão livre de entregar o que alguém tem. Não se trata de repartir o que possui de qualquer modo, de abandoná-lo.

Valorizar o que se tem

Por isso, podemos indicar que uma das facetas básicas da generosidade é a apreciação do valor que possuímos. Em ocasiões, a dificuldade radica em uma confusão superficial, de não saber identificar adequadamente nossas posições ou nossas possibilidades. Nota-se claramente em expressões do tipo “não seria capaz de...”, “não tenho tempo para...”, “não saberia fazê-lo” etc., quando muitas vezes o problema não está na capacidade, no tempo, no saber fazer, mas na falta de confiança nas próprias possibilidades ou na falta de apreciação do que realmente alguém é capaz de fazer. Por outro lado, um problema muito comum se encontra no valor que se dá a cada uma das posições. O que vale mais, um jogo caro ou duas horas de meu tempo? Para responder a esta pergunta haveria que estabelecer uns critérios de valorização. Se um critério fosse “a alegria de um filho” seguramente “as horas de tempo” são mais valiosas.

Precisamente porque a valorização do que temos feito problemático, vamos considerar alguns aspectos com mais detalhe. No que se refere às posições tangíveis, dinheiro e objetos, é evidente que podemos dar, presentear, emprestar, etc. Entretanto, uma tendência é dar o que sobra e não dar de acordo com a necessidade das outras pessoas. Convém esclarecer que tão pouco se chega ao outro extremo. Isto é, repartir todos os bens próprios de tal sorte que a família não tenha o suficiente para viver dignamente. A primeira responsabilidade do pai de família é para com sua mulher e para com seus filhos. A seguir, deverá atender aos demais.

Outro perigo consiste em dar objetos tangíveis como um mal menor. Por não ter que incomodar-se em dar algo que custe maior esforço. Um exemplo seria um pai que presenteia seus filhos com muitas coisas em compensação não passa muito tempo com eles.

Também dizemos, se pode dar tempo. De fato se poderia definir a disponibilidade como “generosidade do próprio tempo”. E ser generoso com o tempo significa estar disposto a sacrificar para o bem dos demais algo que se guarde para a própria utilização. Por exemplo, estar disposto a deixar de ler o jornal quando um filho necessita de alguém para escutar-lhe; organizar-se melhor pode estar com a mulher em um ambiente tranquilo por algum momento; atender a um amigo, etc. As pessoas costumam valorizar o tempo por sua rentabilidade, pelos resultados que podem ver claramente a curto prazo e, em consequência, estabelecem critérios de pouco valor intrínseco. Isto é, valorizam o seu tempo pela quantidade de dinheiro que podem ganhar ou pelo número de contatos profissionais que podem conseguir. E isso em lugar de pensar que um tempo bem utilizado poderia esse em que se havia conseguido dos sorrisos de um filho que estava triste o desgosto, por exemplo. Podemos ser generosos com o tempo preenchendo-o de atividade ou criando um ambiente propício para aumentar um sentimento de lar, de sossego, de tranquilidade, de segurança, de união. Neste sentido, podemos falar do valor da presença, especialmente neste caso, do pai em sua casa.

Notar-se-á uma atitude generosa em uma pessoa que esteja disposta a esforçar-se para tornar a vida agradável aos demais, saudando a alguém que em princípio o incomoda, atendo a uma série de detalhes que se sabe vão agradar a outra pessoa.

Mas não se tratará apenas de dar. Pode-se acusar uma falta de generosidade em uma pessoa que não está disposta a receber, que não deixa os demais ser generosos com ela. Neste sentido, se observa que algumas mães de família se excedem em sua atenção para com seus filhos. Não permitem aos filhos esforçar-se em bem da família e lhes centram, unicamente, no êxito pessoal ou no bem estar. Ainda pode parecer que este tipo de pessoa está atuando por motivos bons, depois de reconhecer a necessidade que tem a pessoa de sair de si, de entregar-se aos demais, veremos que de fato é prejudicial. Matizando esta dificuldade, veremos que também é mais fácil, em muitas ocasiões, realizar uma série de tarefas nós mesmo que orientar aos filhos para que eles o façam. De fato existirá uma substituição desnecessária e estaremos restringindo as oportunidades que tem os filhos de adquirir um bom hábito operativo em torno à generosidade.

Centramos estas considerações em torno a diferentes atos generosos que podem realizar os pais e os filhos em uma família, e vimos como custar a todos algum esforço. Entretanto, há um ato generoso que pode custar, inclusive mais esforço que os previamente mencionados. Trata-se da possibilidade de “perdoar”, e para perdoar faz falta ter uma grande segurança interior e um grande desejo de servir aos demais. Não se trata de tirar importância do que outras pessoas nos podem ter feito nem de ser ingênuo, mas de reconhecer a necessidade dessa pessoa a receber amor, a receber nossa generosidade (por algo em que nos ofendeu), esforçando-nos em mostrar ao outro que não lhe rechaçamos pelo que fez. É mostrar-lhe que, ainda que nos falte tal coisa, o aceitamos, confiamos em suas possibilidades de melhora.

Motivos para ser generoso

Por tudo o que dizemos, é evidente que a pessoa necessita motivos para esforçar-se a ser generoso. Tem que utilizar sua vontade a sério e orientá-lo com seu raciocínio. Mas vamos concretizar mais considerado outros aspectos da definição inicial. Dissemos “atua em favor de outra pessoa desinteressadamente”.

Nas crianças pequenas não se pode encontrar generosidade muito desenvolvida, porque uma criança não reconhece o valor do que tem a necessidade dos demais. Tão pouco, normalmente, é capaz de esforçar-se muito. O resultado é que chega a ter um sentido e posição altamente desenvolvida e não quer que os demais participem em suas posições. Ou é desprendido, dando suas posições ao azar sem pensar na necessidade dos demais. Um

situações típicas que se encontram não apenas nas crianças, mas também em outras idades são as seguintes:

- os atos “generosos”, unicamente quando existe uma relação afetiva desenvolvida;
- os atos “generosos”, mas buscando uma contraprestação;
- os atos “generosos” interessados.

Vamos considerá-los por partes.

É muito mais fácil atuar em favor de outra pessoa quando essa pessoa é simpática. Portanto, se verá como as crianças (e inclusive os maiores) tendem a atuar em favor de algum irmão, de algum amigo, etc., mas não em favor de outros. Se é normal encontrar esta situação nas crianças pequenas também o é na adolescência. A maior diferença no que se refere ao adolescente é que agora os filhos tendem a ver tudo em branco e preto. Julgam às pessoas sem matizar. São bons ou maus. São simpáticos ou antipáticos. E seus atos generosos já, intencionalmente, se dirigem para os primeiros.

É indubitável que a pessoa generosa não é essa que unicamente se esforça com as pessoas que denominam “simpáticos”, mas essa que, de acordo com sua hierarquia de valores, presta sua atenção aos que mais o necessitam.

Por outro lado, é evidente que não se pode conseguir este grau de desenvolvimento desde pequeno. Em princípio, a criança terá que aprender a esforçar-se em relação com as pessoas que lhe são simpáticas, buscando, em princípio, agradar-lhes. Por isso, se pode dizer que uma das motivações reais para ser generoso é ver o resultado positivo na outra pessoa. Se os pais sorriem ou agradecem entusiasticamente pequenos esforços por parte de seus filhos, lhes estarão motivando a seguir com estes atos com eles mesmos, e a seguir com os demais.

A segunda situação se referia ao “ato generoso, mas buscando a contraprestação”. Outra vez se pode notar como uma criança que tem algo que necessita um companheiro se o deixa, mas sabendo que no dia seguinte, quando ele necessitar de algo o companheiro tem a obrigação de contraprestar. A motivação, neste caso, é a mesma contraprestação e não há nada de mau nisso para a criança pequena. Não podemos pedir aos pequenos que se esforcem mais do que realmente lhes é possível. Neste sentido se trata de proporcionar muitas possibilidades, para que as crianças possam chegar a esforçar-se por motivos que parecem, em princípio, insuficientes. Assim, adquirirão um hábito de dar, de perdoar, etc., e a seguir se tratará de estabelecer a retidão de motivos, e desenvolver a intensidade com que se vive a virtude.

Talvez uma anedota poderia esclarecer a questão. Ao chegar a festa de aniversário uma criança de sete anos recebe uma caixa de bombons. O dia do aniversário, chegam a sua casa doze parentes e sua mãe lhe diz: “porque não ofereces um bombom a todo mundo?” Ele sabe que há quinze bombons e, calculando rapidamente, vê que vai ficar com três. Não lhe convence esta possibilidade e responde sua mãe: “não quero”. A seguir a mãe se aborrece com ele. Pega a caixa de bombons e oferece ela mesma, dizendo a seu filho: “assim aprenderá a ser generoso”. Evidentemente a criança pensa “se isto é a generosidade, não é para mim. Não gosto”.

Nesta situação, a mãe poderia haver sugerido que oferecesse um bombom aos primos (apenas cinco), e se o esforço para o filho todavia é muito grande, deveria aceitar a situação com tranquilidade, explicando-lhe ao filho -em todo caso- os motivos pelos quais teria sido agradável que oferecesse os bombons, e esperar outra ocasião para estimular ao filho de novo.

O dar interessado é muito diferente. Não pode concluir ao desenvolvimento da virtude da generosidade. Significa que a pessoa está pensando, em primeiro lugar, nas consequências para ele, e em segundo lugar, muito em segundo lugar nas consequências para outra pessoa. O dar interessado conduz melhor ao egoísmo. Por outro lado a criança tende a ser egocêntrica.

O mundo gira ao seu redor. Este egocentrismo não constitui um problema com tal de que quando descubra que há outras pessoas que lhe necessitam não segue centrado em si.

Vimos que os motivos para ser generoso são: agradar a outra pessoa por simpatia ou a contraprestação.

Os pais, entretanto, podem abrir novos horizontes para seus filhos sugerindo-lhes outros atos que podem chegar a ser realmente uma amostra de generosidade ou explicando-lhes a necessidade que tem alguma pessoa de receber, para que se esforcem e desenvolvam um hábito de atuar em favor dos demais. Indubitavelmente, será muito mais fácil conseguir este desenvolvimento se existe, nos pais, um exemplo neste sentido e, em consequência, um ambiente de participação e de serviço na família. Precisamente por isso, os chamamos "encargos" têm sentido. Também os pais podem ensinar a seus filhos o valor do que possuem, o dinheiro, objetos tangíveis, sua possibilidade de perdoar, seu tempo, etc.

Assim os filhos podem chegar a adquirir um hábito de dar, baseado em uma apreciação de valor do que possuem e de suas possibilidades. Entretanto, esta educação não seria completa sem esclarecer o que significam "as necessidades dos demais".

As necessidades dos demais

A generosidade nunca nos deve levar a satisfazer os caprichos dos demais. E por isso se tratará de atuar prudentemente. Já sabemos que nenhuma virtude tem sentido em o apoio da prudência. Neste caso, se trata de uma atitude de serviço, mas um serviço levado a cabo mediante decisões prudentes. Faz falta uma informação adequada sobre nossa própria situação e sobre a da outra pessoa. Faz falta saber o que se persegue e decidir e atuar congruentemente. E aqui podemos centrar mais a atenção nos adolescentes. Os filhos de treze anos em diante já sabem por sua própria experiência como se pode atuar em favor de outras pessoas, ainda que os pais nunca cheguem a ajudar-lhe sistematicamente. Entretanto, os motivos que têm podem ser errôneos ou pouco desenvolvidos.

Um dos principais problemas dos adolescentes é que não estabelecem limite a suas possibilidades de serem generosos. Estão preocupados pelos demais, pela gente que se está morrendo de fome na Índia, por exemplo, mas não sabem relacionar suas próprias possibilidades com esta realidade. Reconhecem a necessidade dos demais em geral, em termos abstratos, mas não se dão conta de que seus pais lhes necessitam que as pessoas que têm ao lado lhes necessitam. Como dissemos antes, tendem a classificar às pessoas e assim reduzem sua atenção real a um grupo de amigos enquanto falam de serviço para um mundo distante.

Por outro lado, o adolescente necessita experiências: necessita comprovar sua possibilidade de atuar autonomamente. E se os pais não encontram uns leitões para estas inquietudes é possível que se despistem encontrando a "solução", por exemplo, nas drogas, no sexo, etc.

Precisamente por isso, convém reconhecer que o trabalho principal dos pais consiste em dar a seus filhos um conhecimento profundo dos critérios que deveriam reger suas vidas e a seguir deixá-las atuar, processando sua atividade quando faz falta.

No que se refere a generosidade, haverá que encausar-lhes desde antes para que continuem atuando com mais iniciativa pessoal, em favor dos demais. Por isso, a generosidade desenvolvida necessita da fortaleza: a capacidade de cometer e lutar para algo que se sabe que valha a pena.

Outro problema é a facilidade com que os adolescentes confundem as necessidades dos demais e os caprichos pessoais. Isto é, chegam a identificar as necessidades dos demais que mais relacionam com seus próprios gostos, mas não se esforçam por entregar o que realmente é valioso às pessoas que mais direito tem de receber, ou seja sua família e seus companheiros. Na adolescência haverá que raciocinar com os filhos, não exaustivamente, mas dando uma informação clara e a seguir mudando de tema. Se dissemos que o

desenvolvimento da virtude depende da intensidade com que se vive e da retidão dos motivos, está claro que a razão tem um papel importante.

Dar e Dar-se

É imprescindível que os atos de generosidade não fiquem isolados da intencionalidade da pessoa. Isto é, chegue a haver uma rotina baseada em uns atos superficialmente “generosos”. O sentido do esforço, de apoiar os atos com a vontade, é o que evitará este perigo. Mas realmente temos de ir mais ao fundo da questão. A pessoa que unicamente pensa no que pode fazer, planificando sua generosidade conscientemente, encontrará que se cansa rapidamente. Se, no fundo, a pessoa não vive a generosidade por uma convicção profunda de que os demais tem o direito de receber seu serviço, dificilmente existirá uma generosidade permanente em desenvolvimento.

Por isso, é mais importante o conceito de “dar-se” que o de dar. Pode-sedar, como vimos antes, sem identificar-se com o dado, sem simpatizar com a outra pessoa. O ato fica assim como um sinal visível aos demais, mas que, às vezes engana. O que buscamos é um dar incondicional, que é o mesmo que dizer “dar-se”.

Mas para dar-se faz falta saber o que um é e autopossuir-se em certo grau. Confunde-se muitas vezes os dois conceitos “dar-se” e “abandonar-se”. Não se trata de dar qualquer coisa a qualquer pessoa em qualquer momento. Isso é abandonar-se, dar sem critério ou, melhor dizer, deixar-se roubar sem valorizar as próprias posições. Veremos que sentido tem isso se pensamos no corpo. Se não se entende o valor e a dignidade do corpo, é possível que se chegue a uma situação de abandono, inclusive justificando-o em termos de “assim” se dá prazer ao outro”. Um profissional não cederia seu lugar de trabalho a um vagabundo ainda que lhe desse “prazer”. Muita mais razão de guardar o corpo para poder entregá-lo com generosidade em uma relação abençoada por Deus, isto é, no casamento, quando a outra pessoa reconhece a grandeza da entrega e a respeito. A generosidade e o amor sem entrar propriamente na educação para o amor, haveria ficado claro que, ao falar da generosidade, estamos falando de uma manifestação de amor. Se pode entender o amor como radical vibração do ser para o bem. E como disse Hervada “se bem é certo que todo amor tem uns traços comuns, nem todos os amores são iguais. Não existe um mesmo tipo de amor que se aplique aos diferentes objetos, porque o amor nasce em uma relação pré-existente entre pessoa e o bem; a bens de diferentes valor e em diferente posição com respeito à pessoa, correspondem relações diferentes e, portanto, amores de características diversas”¹.

A generosidade, como virtude, permite a pessoa transferir a possibilidade radical de amar em uns atos de serviço. Na vida cotidiana nós mesmos e nossos filhos necessitamos ajuda para atuar congruentemente com o que sabemos que é nosso último fim. Estas ajudas permitem à pessoa recolher a “vibração radical do ser para o bem” e colocá-lo em trabalho.

Educar na generosidade neste sentido não é opcional. É fundamental para que a pessoa chegue a sua plenitude, para que se auto-possua e para que sirva melhor aos demais.